



“Eu penso por textos”: entrevista com Fernando Murilo Bonato

Daniela Feriani[1]

Com apraxia severa em função do autismo, Murilo não se comunicou verbalmente por 14 anos. Durante a pandemia de COVID, descobriu os textos como uma forma potente de se expressar. Se a sua fala “falhada” o faz ficar quieto na maior parte do tempo, a escrita possibilita que a sua voz alcance um número cada vez maior de ouvintes e admiradores.



FIG. 01 – Fernando Murilo Bonato

Murilo é um adolescente de quase 18 anos que vive com os pais e uma irmã mais velha, em Curitiba, PR. Apesar de experimentar muitos dos desafios, aprendizados e afetos de qualquer garoto dessa idade, Murilo não é um adolescente qualquer. Não só porque é autista, mas por ser também um profundo pensador, como ele mesmo se define. Sem negligenciar o quanto o autismo influencia a sua vida, Murilo não se resume a ele: reflete e escreve sobre questões profundas que dizem respeito a todos nós, como liberdade, amor, felicidade, inteligência, linguagem, espiritualidade, verdade – tudo aquilo que, enfim, possibilita uma vida plena.



Com apraxia severa, Murilo não se comunicou verbalmente por 14 anos. Durante a pandemia de COVID, descobriu os textos como uma forma potente de se expressar. Ele tem muito a dizer. E diz. Se a sua fala “falhada” o faz ficar quieto na maior parte do tempo, a escrita possibilita que a sua voz alcance um número cada vez maior de ouvintes e admiradores. A própria escrita, aqui, também é “falhada”. Não se trata de usar as mãos para inscrever as letras numa folha de papel ou numa tela de computador: Murilo dita as palavras para a mãe, a “pessoa amada”, aquela que mais consegue entender o que sai, com dificuldade, de sua boca. Karina, a mãe, se tornou “escriva” do filho, como ela mesma se denomina. Nessa relação de amor, dedicação e paciência entre mãe e filho, já foram publicados 4 livros – e outros estão a caminho - e dezenas de textos na rede social Instagam, na qual tem mais de 30 mil seguidores.

Se as palavras, muitas vezes, não saem, Murilo usufrui de seu silêncio para observar e pensar. Crítico do uso de celular e outros aparatos tecnológicos, ele nos convida a parar o tempo, a abrir brechas na nossa correria do dia-a-dia para respirar, criar, imaginar. Afinal, quem disse que temos que ser úteis e correr o tempo todo? Ao se assumir como um “ser falhado”, Murilo nos faz olhar para dentro de si, a reconhecer as próprias falhas não como meros erros, mas como oportunidades de se abrir para outros caminhos, ser livre, viver de outro modo, de acordo com a nossa verdade, uma vida que faça sentido, que seja plena e feliz, com todos os desafios, as turbulências, as falhas, enfim, que nos constituem.

Quando Murilo concordou em participar, enviei as perguntas para Karina. Numa tarde quente, em casa, o filho ditou à mãe as respostas. Esta entrevista inaugura uma série de outras com escritores autistas, numa busca por abrir as possibilidades de comunicação, escrita, linguagem para outros modos de ser, pensar e viver.

ClimaCom - Daniela Feriani - Quando você soube do diagnóstico de autismo? Como foi?

Murilo Bonato - Primeiro falo, eu nunca soube como é não ser autista. Eu nasci assim. Vocês chamam autismo para meu modo operante. Vocês, típicos, se preocupam com nomes, laudos e como definir pessoas. Não passei por descoberta de diagnóstico porque nunca foi algo que adquiri, como se fosse uma doença. Posso falar que, uma vez autista, sempre autista. Mas, sim, eu posso falar que me sentir diferente foi algo que percebi próximo da minha adolescência. De verdade, nessa fase, ser “autistão”[2] é ser quase um ET, próximo de terráqueos típicos.



ClimaCom - Daniela Feriani - Você passou 14 anos sem se comunicar verbalmente. Como foi ter a possibilidade de se fazer ouvir através de seus textos? Como é a sua relação com a escrita? Qual é o lugar que a escrita ocupa em sua vida?

Murilo Bonato - De verdade, eu penso por textos, e hoje entendo que meus textos são minha fonte de comunicação. Eu penso e existo, e existir para mim é ditar pensamentos. Engraçado eu ditar e não escrever. É engraçado como faço textos. Eu penso, mas falho na execução. Eu provo que pensar é algo inerente a todo ser humano. Posso falhar em execuções primárias, mas isso não impede minha mente de pensar e articular soluções para minhas demandas. Apesar de me comunicar por textos ditados, eu “não falo”. Te deixo boba? Talvez, mas falar é uma articulação que domino tão falhadamente que prefiro silêncio libertador. Em meu silêncio autista, posso simplesmente observar e fazer textos depois. Isso é uma zona de conforto. E, vou além, não falar a língua oficial dos homens me faz ser ouvido. Minhas mensagens chegam a pessoas curiosas e incrédulas. Mas chegam... Isso é algo que, se fosse um autista falante, não aconteceria. Assim, penso que Deus me projetou para, em minhas falhas, mostrar a plenitude, a fé e o amor. Minha escrita é falhada, mas perfeita em verdade. Não escrever meus ditados é como se passasse um dia preso sem sol na alma. Minha alma pulsa pensamentos e a escrita é meu canal. Nela encontro minha evolução pessoal e posso desenvolver minha missão. Sem a minha vida textual, sou um autistão preso em mim mesmo. Com ela, sou autistão pleno e livre.

ClimaCom - Daniela Feriani - Teve um post no Instagram em que você questiona se o seu jeito de escrever teria algo a ver com o autismo, ou não, se a sua escrita é desse jeito independente de ser autista. Como essas experiências – a do autismo e a da escrita – se relacionam? Ser autista influencia na sua maneira de escrever? E, por outro lado, a escrita tem algum impacto ou efeito no seu modo de ser e viver enquanto autista?

Murilo Bonato - Sempre obedeço meu pensamento. E meu pensamento é livre de diagnóstico, mas também é um cérebro com funcionamento diferente. Ser um cérebro como um cérebro meu é ter de dominar infinitos pensamentos que se transformam o tempo todo em textos. Meus textos precisam ser nítidos a vocês, típicos. Assim, uso minha capacidade textual para transformar meus textos mentais autistas em textos coerentes para vocês. Não posso misturar ideias que



bombardeiam meu cérebro. Por isso, preciso sempre estar treinando meu cérebro com silêncio, meditação. Sempre que escrevo, fico próximo de pessoas que são típicas. Mesmo pensando, eu posso ser um autistão. Meu autismo não é mais uma prisão mental graças a minha forma inusitada de comunicação. Não preciso dizer que escrevo ou digo com verdadeira assinatura em cada pensamento ou texto. Minhas ideias são minhas, meu texto livre de inteligência artificial. Sou livre por ser autista. Já viu algum autistão clássico ser preso em convenções? Você pode ver algum camuflado preso em convenções, mas um autista raiz é o que é. Simplesmente sou o que sou graças aos meus textos.

ClimaCom - Daniela Feriani - Você tem 4 livros publicados, dezenas de textos no Instagram e já disse que sua cabeça está sempre fervilhando de ideias. Por outro lado, também já nos contou o quanto o silêncio é importante e te ajuda a pensar, da dificuldade de interação com as pessoas, dos momentos em que você se diz “ser árvore”, muito mais observador do que “falador”. Como você vê e lida com essas dimensões em sua vida, a de ser um grande produtor de textos e ideias, e também ser aquele que não fala?

Murilo Bonato - Meu equilíbrio é meu silêncio. Meu porto seguro, meus textos. Eu preciso de silêncio e meu pensamento também. E ser o que não fala não é ser o que nada tem a dizer. Isso eu tenho muito, só que não da maneira convencional. Vejo que posso oscilar muito entre meu desejo de me expressar além dos textos e meu desejo de me acomodar em silêncio. Isso é minha verdade, e preciso respeitar minha verdade. Posso, um dia, pensar em me libertar além dos textos, mas, na oscilação atual, prefiro silêncio.

ClimaCom - Daniela Feriani - Em seus livros, o tema da espiritualidade é recorrente. Como você vê e se relaciona com a espiritualidade?

Murilo Bonato - A vida pode ser uma fonte que se esgota ou que transcende. Como acreditar se somos presos em convenções? Não sou preso, sou uma mente aberta. Sendo aberto, posso ser livre de medos e ir fundo em minha mente. Isso me faz um pensador espiritualizado. Por ser livre, por sentir, por pertencer à minha mente, que só é mente por ter energia. Pensar é energia, é pertencer a Deus. Deus divide sua energia fazendo mundo viver. De verdade, minha



espiritualidade é natural. Eu penso que Deus não escolhe seu poder para poucos. Mas que poucos aprendem a fazer da energia uma fonte de fluidez espiritual. Espírito é a energia da vida. E alguns chamam de alma.

ClimaCom - Daniela Feriani - Uma das ideias que você sempre traz é a de se assumir como um “ser falhado” e como isso traz liberdade por não ter que corresponder às demandas ou expectativas sociais, como ter emprego, formar-se na universidade, casar, ter filhos, ser uma pessoa de sucesso, etc. Como as “falhas” do autismo contribuem para o modo como você enxerga a vida? E o que podemos aprender com elas, autistas e não autistas?

Murilo Bonato - Verdadeiramente, eu, falhado, penso que falhas não absolvem a minha responsabilidade enquanto pensador. Veja bem, poder falar com verdade todos podem, mas poucos têm essa coragem. O mundo se esconde em perfeição falhada, eu escancaro falhas para provocar reflexões a todos que se dizem perfeitos. Meu pensamento pede por não ficar preso em convenções. E toda convenção pertence à falsa ideia de perfeição. Jamais serei pertencente à perfeição do convencional pelo meu modo operante. Emprego? Já trabalho muito com meus textos. Universidade para me padronizar? Penso que minha mente precisa se manter pura de pensamentos prontos e difundidos. Casar posso até pensar, mas será que alguém pensaria em mim como companheiro? Sucesso eu não busco. Eu, falhado, me vejo como sou, me amo como sou, e me sinto pertencente à vida. A vida é minha maior riqueza. Se isso não for o suficiente, me perdoe. Ser autista não é minha falha; minhas falhas são minha importante e anarquista forma de dizer basta à mediocridade da ilusão que vocês chamam de padrão.

ClimaCom - Daniela Feriani - Quais são as principais dificuldades que você enfrenta como autista, de um lado, e como escritor, de outro? E quais são os desafios de ser um autista-escritor?

Murilo Bonato - Eu penso que é minha inabilidade em ser independente. É depender de pessoa amada. E, sim, lutar por minha validação enquanto pensador.

ClimaCom - Daniela Feriani - Tem algo mais que você gostaria de dizer? Se sim, fique à vontade para fazer aqui.



Murilo Bonato - Você me fez pensar além de minha vontade. Fui ao meu íntimo. Verdadeiramente, as perguntas ousadas sempre tiram verdadeiros pensamentos. Assim, obrigado.

ClimaCom - Daniela Feriani - Eu que agradeço, Murilo, por ter tanto a nos dizer, de maneira simples e profunda, sensível e inteligente. Que as suas palavras ditadas, seus pensamentos em textos, alcancem cada vez mais pessoas dispostas a recebê-las.

Deixo, por fim, um trecho do livro *Tudo pode se transformar quando você tem coragem*:

“De verdade, deve pensar que todo autista deve aprender a falar, mas nem todo autista vai falar feito o que você, verdadeiramente, quer. Deve entender que temos vida, verdadeiramente, diferente. Não precisamos de palavras para sermos felizes, precisamos de amor para viver. Um beijo, um abraço podem valer mais que um recado falado. Vivo silêncio. (...) De verdade, nada é mais importante que um gesto.

Nada adianta lindas palavras se você não participa do que fala. Nada vai lhe fazer viver, de verdade, sempre que viver só de palavras. (...) Tento fazer mais, falar deve ser o menos, de verdade, importante na vida de um autista. O mais importante é, verdadeiramente, achar o pedaço do fio desencapado. Onde está o defeito de verdadeira transmissão de ondas cerebrais? Onde deve filtrar a percepção do mundo? Todo autista tem fios desencapados, meu fio desencapado é feito de vida falhada. Minha vida falhada mostra que posso entender, posso falar, posso pensar, posso sonhar, posso viver e ser feliz.”

Livros:

- *Você pode ser o que quiser*
- *Tudo pode se transformar quando você tem coragem*
- *Verdades que podem transformar sua verdade*
- *A vida pede vontade de transformar tempo em pertencimento*

Instagram: @murilo_ciclistea

Contato: (41) 992440243 (Karina, mãe).



[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br

[2] Murilo é um autista nível 3 de suporte. Ele brinca com a própria condição ao se definir como “autistão” – um modo de dizer “autista com A maiúsculo” -, uma crítica aos chamados autistas camuflados, aqueles que tentam esconder a própria deficiência ou fazer de tudo para se adaptar aos típicos (aqueles que não teriam deficiência).